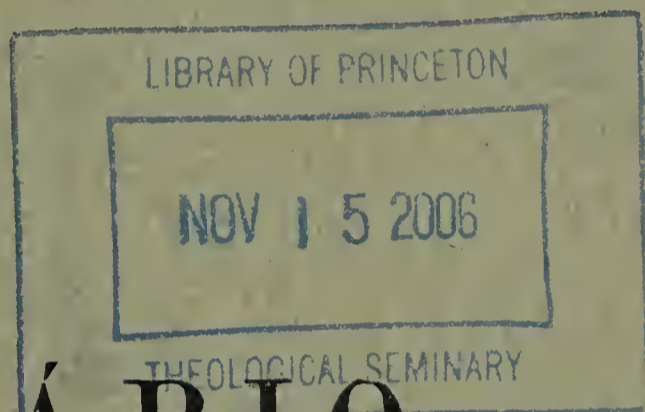


Revista Internacional LAP do Espiritismo

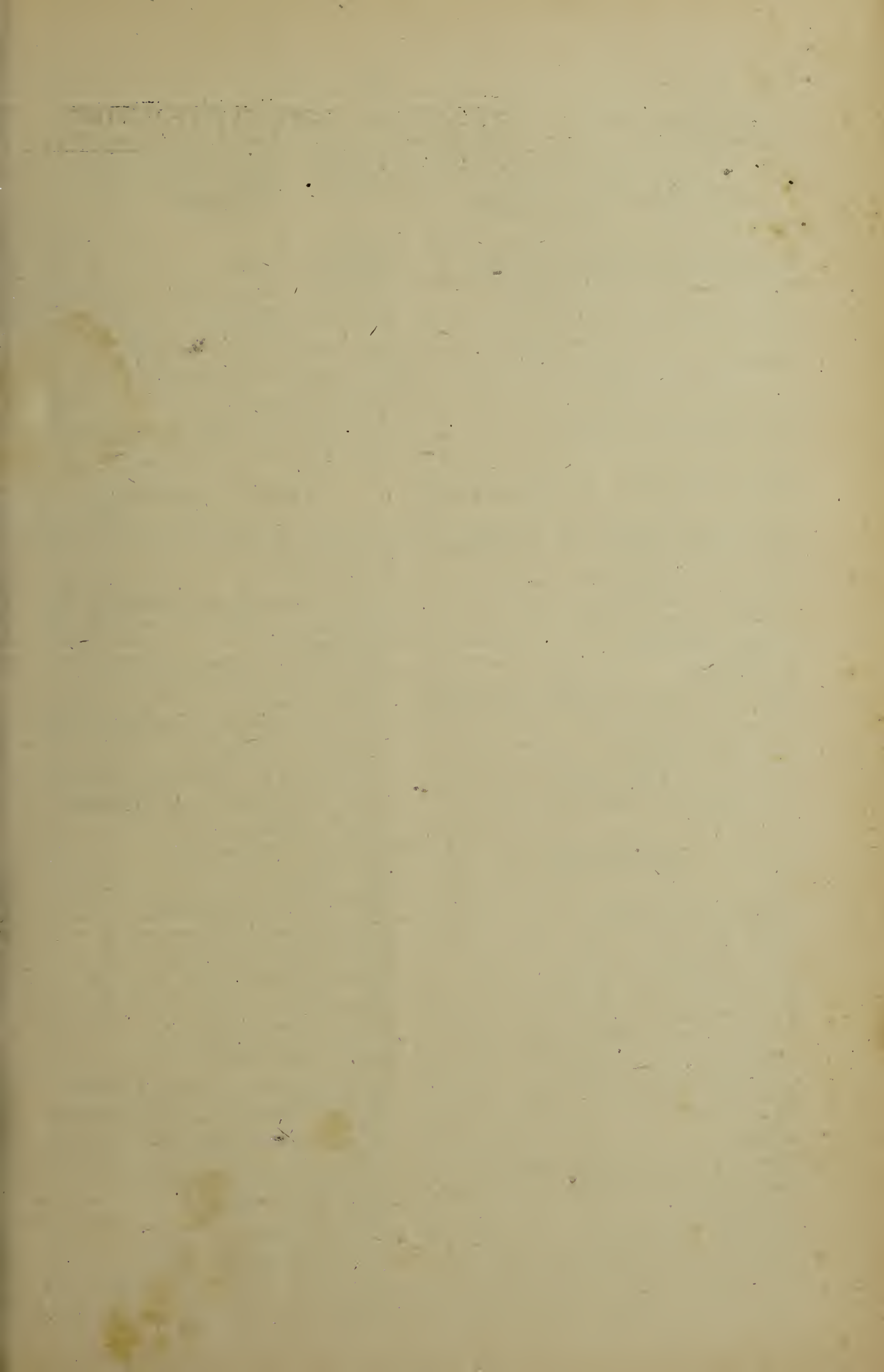
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL



SUMÁRIO

As Faculdades Intelectuais e o Sentimento	<i>Redação</i>
Ressurreição	<i>Arnaldo S. Thiago</i>
A Dôr através os tempos	<i>J. B. Chagas</i>
Estudos Evangélicos (Reencarnação)	<i>Dr. Luiz Martucelli</i>
Pontos de Vista	<i>Leopoldo Machado</i>
Fenômenos de Materialização	<i>Amadeu Santos</i>
Mistificação	<i>Pereira Guedes</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>



OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
O Principiante Espírita

Romances :

Almas Crucificadas
Beijo da Morta (O)
Casa Assombrada (A)
Cinquenta Anos Depois
Do Calvário ao Infinito
...E as Vozes Falaram...
Granja do Silêncio (A)
Há Dois Mil Anos
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Renúncia
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)

Infantis :

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto

Vários assuntos .

Antigo Egito (O)
Bôa-Nova
Brasil, Coração do Mundo
Consolador (O)
Emmanuel
Espírito Consolador (O)
Factos Espíritas
Grandes e Pequenos Problemas
Irmãos de Jesus
Introdução da Doutrina Espírita
Jesus, nem Deus nem Homem
Lázaro Redivivo
Livro de Tobias (O)
Luz Acima
Martírio dos Suicidas
Mensageiros (Os)
Missionários da Luz
No Mundo Maior
Nosso Lar
Novas Mensagens
Região em Letígio
Reportagens de Além-Túmulo
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
Trabalho dos Mortos (O)
Uma Nova Ciência
Volta Bocage...
Vidas Sucessivas (As)

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✕ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

As Faculdades Intelectuais e o Sentimento

OS dias que atravessamos são de justificadas apreensões em face da situação política internacional. As nações não se sentem seguras, porque não conseguem chegar a um acôrdo que restabeleça a paz e a confiança entre elas; os governos, sempre vacilantes em seus propósitos, o que denota falta de compreensão e até de caráter, são depositos para darem sucessão a outros governos que, falhando igualmente em suas promessas e não satisfazendo as aspirações populares, são imediatamente depositos também; os povos, cansados de tantas e inúteis lutas em prol da sua subsistência e do seu bem estar, sem um condutor seguro, sensato, entre os homens de evidência no cenário político, completamente descrentes do valor espiritual de suas falidas religiões, descambam definitivamente para o materialismo.

E' verdade que, intelectualmente, os povos evoluíram apreciavelmente, evocando como testemunho, as recentes descobertas que abalaram os alicerces da nossa civilização e o seu ardente desejo de fundar nova ordem social sob a égide da justiça; mas é verdade também que continuam em duras competições políticas, que têm como causas imediatas os mesquinhos interesses terrenos e pessoais,

em detrimento do espírito de justiça, que é o ponto de partida para o estabelecimento da paz entre as nações. Dizemos estabelecimento e não restabelecimento da paz, porque na verdade nunca houve paz no mundo. Enquanto não forem banidas da face da terra as guerras, as lutas fratricidas, os atritos, as malquerenças entre os indivíduos, não poderá haver paz. Tem havido períodos de relativa paz, ou mais acertadamente, de tréguas, após os quais as lutas se renovam numa fúria que demonstra o quanto se acha ainda animalizada a espécie humana e o que lhe falta ainda para atingir os degraus da escada dos seres superiores.

O desenvolvimento das faculdades intelectuais da humanidade é um facto que não se discute porque está sobejamente provado. A mentalidade da atual geração não é a mesma das gerações passadas, que não procuravam resolver as suas questões pelos canais diplomáticos, mas tão somente pela fôrça. E' certo que a diplomacia internacional, que é dos nossos dias, tem se mostrado impotente para evitar as guerras, mas não se pôde negar que, embora com certa dose de má-fé, ela não procure entrar em entendimentos capazes de conciliar os interesses gerais, o que não aconteceu ainda porque cada nação

ou grupo de nações, insiste em defender os seus interesses imediatos em detrimento dos interesses dos demais. Mas quando todas as nações tiverem aquela compreensão que ainda não lhes chegou à mente, de que na conciliação dos interesses mútuos, sem má fé, segundas intenções ou ambições desmedidas, repousa a verdadeira paz, então será desfraldada a bandeira da fraternidade.

As aspirações de liberdade que põem em movimento os homens independentes, são o fruto do desenvolvimento das suas faculdades intelectuais, que não mais lhes permitem ficar sob o domínio de indivíduos aventureiros que, prevalecendo-se da sua autoridade, impõem a sua vontade à força, às vezes por meios deshumanos, indivíduos que ocupam, porque disputaram a golpes de aventura, os mais altos postos nos governos e na política.

A liberdade está sendo defendida porque é um direito que Deus concedeu ao homem pelo livre arbítrio. Poderá ser retida por alguns instantes, mas, como a Verdade, ela aparece quando menos a esperamos, numa luta renhida em que os escravizadores da consciência tombam vencidos para nunca mais se levantarem. Governos ditatoriais ou absolutos, reis, imperadores, dignatários da religião, que sempre procuraram refer em suas mãos, por processos excusos, a liberdade de pensamento, foram depositos pela força e os que ainda não o foram têm os seus dias contados, porque os frutos da liberdade de pensamento surgem em abundância por toda a parte, satisfazendo as justas aspirações humanas. As religiões que sempre andaram e procuram andar ainda de mãos dadas com os Governos iníquos na inglória tarefa de escravizar os povos aos seus bastardos interesses, já perderam a sua tão decantada autoridade no terreno da liberdade de pensamento, porque, nos governos, entre os seus apaniguados, ha homens, poucos, é verdade, que defendem a liberdade com destemor.

O notável desenvolvimento das faculdades intelectuais das criaturas em face da situação anormal por que passa o mundo, em que os indivíduos

denotam falta de carácter e de respeito, de vez que falsificam tudo, defraudam e enganam, nos leva a admitir que, no terreno da moral, pouco evoluíram, e que embora compreendam o valor da caridade, não a praticam porque o sentimento ainda lhes é verde:

Se os homens em geral tivessem o sentimento no mesmo nível das suas faculdades intelectuais, acreditamos que todos os problemas humanos estariam solucionados. Mas o progresso não dá saltos e por isso não se pode exigir que tudo se desenvolva a um só tempo na creatura. Hitler e Mussolini constituem um caso típico do que acabamos de afirmar. Ambos mostraram rara inteligência na direção da vida de suas pátrias, dos seus subditos, mas a falta de sentimento fe-los praticar as maiores deshumanidades, razão por que falharam na sua missão. O Comunismo terá o mesmo fim do hitlerismo e do fascismo, se não cultivar o sentimento, ampliando-o em todas as direções. A razão não pode andar divorciada do sentimento e vice-versa, porque representam respectivamente, os alicerces e o telhado de uma casa.

A humanidade já atingiu apreciável grau de desenvolvimento intelectual, e isto está sobejamente demonstrado através das grandes descobertas, das diversas ideologias, que são os frutos da liberdade de pensamento, e da sua inquebrantável vontade de fazer imperar no mundo o espírito de fraternidade e de justiça. A sua compreensão está, portanto, apta a aceitar o que é bom e a recusar o que não serve, precisamente no ponto a que se referiu Jesus: «Tenho ainda muito o que vos dizer, mas não o podeis suportar agora; quando vier, porém, aquele Espírito da Verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que estão para vir.»

O Espiritismo é o Espírito da Verdade, o Paráclito. A sua vinda significa que a humanidade já pôde compreender as grandes cousas do Espírito. É sómente o Espiritismo,

com os seus factos comprobativos da sobrevivência individual, com os seus ensinamentos baseados no Evangelho de Jesus, com as suas argumentações filosóficas e científicas estribadas na imortalidade, que fará estabelecer no mundo, entre as nações, a verdadeira paz, a paz que todos ambicionam, sob a égide da justiça e da fraternidade cristã.

O advento do Espiritismo marcou, pois, o começo de grandes rea-

lizações em todos os setores da atividade humana, e tudo o que se verificar no cenário terreno, de lúgubre e ameaçador, se rápara uma completa reforma dos hábitos e das idéias das criaturas, no aprimoramento do sentimento, que precisa marchar a par do desenvolvimento das faculdades intelectuais, para que a vida se mantenha equilibrada e a humanidade possa se tornar digna do reino de Deus e a sua justiça.



Ressurreição



Jamais o confronto que tenhamos de fazer entre duas manifestações da realidade moral, nos será tão humilhante como ao nos defrontarmos com o supremo paradoxo da condenação, pelos homens, daquêlê que veio libertar os homens da condenação do pecado!

Só o AMOR excelso da Divindade, aliado ao fraterno amor, elevado ao sublime, do Filho do homem, poderia consentir num tão ingente sacrifício!

Para salvar o que se acha perdido; para reerguer o que se acha abatido e vilipendiado; para curar o que se acha enfermo, Deus tudo consente, ainda mesmo aquêlê crime hediondo que haveria de pesar durante séculos na consciência de um povo que talvez esteja agora novamente sendo reunido nas terras sagradas da Palestina, para uma nova manifestação do excelso Amor que tudo consente quando se trata de redimir um só dos seus filhos! Mistério sublime, incompreendido dos homens embrutecidos pelo orgulho, pelo ódio e pelos vícios de toda natureza, que só pensam nas suas comodidades e nos seus miseráveis gozos, êle está, contudo, bem expresso, bem claro, bem patente, bem nítido, na parábola do filho pródigo.

Mas o homem ainda não compreende os sublimes devotamentos! Esta virtude, que era o apanágio da mulher, quando se alcandorava ao gráu divino da maternidade, está hoje erradicada do coração humano — e para que a espécie não sofresse humilhação no confronto com os

irracionais, verificaram os zoólogos que o pelicano não alimenta os filhos com o próprio sangue; apenas fica-lhe o peito despojado de penas em virtude de atrito com os gravetos do ninho...

Jesus sofre o martírio da cruz. Os seus discípulos, temerosos, o abandonam. Pedro nega-o. Apenas algumas mulheres, em tórno daquela Mãe resignada e humilde, mas imensamente sofredora, acompanham a *via crucis* do Filho do homem! Mais tarde, ao expirar o Mestre, vêm-se ao pé da cruz o discípulo amado e mais um ou outro dos discípulos. Faz-se treva em toda a superfície da Terra; o véu do templo rasga-se. E Jesus exala o último suspiro, murmurando: «Pai, perdoalhes, porque eles não sabem o que fazem!»

O perdão de Deus, exarado pelo Filho Unigênito, é concedido aos homens, logo após o monstruoso crime: por isso consente a Onisciência Divina em que os discípulos, dispersos, desalentados e certamente esquecidos dos seus deveres, sejam rehabilitados, sejam reanimados, sejam de novo congregados pelo mistério da ressurreição. A pecadora de Magdala, que velava junto ao sepulcro do Salvador, daquêlê que a regenerara com a sua divina castidade, para fazê-la pura e santa; merece, pela purificação a que se afizera, a graça de ser a portadora da grande mensagem aos homens de boa vontade: Jesus ressuscitara! Vira-o Madalena erguer-se do sepulcro, mais belo do que nunca! Dissera-lhe o Mestre: «Não me toques, porque ainda não subi para meu Pai. Mas

vai, procura os meus irmãos e dize-lhes que ressurgi dentre os mortos, como lhes prometera, ao terceiro dia». Uma nuvem diáfana o envolve; ouve a pecadora uns cânticos suavíssimos e Jesus eleva-se aos Céus.

Madalena, supremamente emocionada, levanta-se; enxuga os olhos nublados pelo pranto e corre em busca dos discípulos. Congrega-os, com aquele devotamento, com aquela decisão em que estava de lhes comunicar a sublime ocorrência e de reanimá-los para a execução da vontade do Mestre, que era a propagação da sua Doutrina: «Ide, curai os enfermos, visitai os detentos, reanimai os que desfalecem; de graça recebestes, de graça tudo dareis.»

Os discípulos ouvem e não acreditam: o excesso de dôr ocasionára aquela exaltação à pecadora, teriam eles conjecturado. Não acreditam, mas reúnem-se e deploram a perda do meigo Nazareno. Caminham para Emaús. Acerca-se-lhes um desconhecido. Lembra-lhes a promessa da ressurreição e, entrando em casa com eles, assenta-se à mesa. Ao partir o pão, abençoando-o, com somente Jesus o sabia fazer, os discípulos o reconhecem. Caem de joelhos, agora crentes. Tomé, chegado mais tarde, só acredita depois de lhe tocar nas chagas reabertas: «Tu creste, Tomé, porque viste. Bem aventurados os que não viram e creram.»

Desde êsse instante, o Mestre permanece com êles durante quarenta dias, no transcurso dos quais lhes dá as suas últimas instruções, reanima-os, esclarece-os a respeito das cousas do espírito, consolida-lhes a fé e exorta-os à perseverança na caridade.

Ao despedir-se, arrebatado aos Céus por uma legião de anjos, deixou-lhes nal-

ma o acúleo da saudade, a suprema convicção de que só em se tornando merecedores de viver junto ao Mestre, poderiam recuperar a felicidade perdida: daí, aquele poder inegalável de sacrifício, de renúncia, de abnegação, de humildade, de devotamento a uma causa espiritual, inacessível à generalidade dos homens, que deixava estarecidos os romanos e os fazia meditar sôbre os prodígios da fé, sôbre os mistérios incomparáveis da Doutrina que sabia fazer prosélitos de tal envergadura moral!

Jesus, através dos seus discípulos e dos primeiros cristãos, abalara os fundamentos do paganismo. A humanidade estava ganha para o seu amor.

E isso foi possível somente com a Ressurreição!

Se a vida de Jesus é um santo manancial de exemplos e de ensinamentos que nos levam ao estôrço em prol da nossa purificação; se o sacrifício do Gólgota é a lição eterna do devotamento à causa da redenção dos homens, a ressurreição é o ato divino segundo o qual Jesus confirmou a genealogia espiritual de todas as criaturas, para que saibamos compreender o sentido profundo daquela advertência que nos deixou: «O meu Reino não é dêste mundo.»

Com a ressurreição, Jesus retira todo o prestígio às cousas transitórias do mundo, aos gozos da carne, às investiduras passageiras do poder temporal e nos sublima, no entendimento, a fé nas conquistas do espírito, na glória da imortalidade.

Jesus ressuscitou. Com êle ressurgiremos para a Vida eterna e para a glória do Senhor!

ARNALDO S. THIAGO.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr. \$50,00	Do 4.º ano Cr. \$ 50,00	Do 5.º ano Cr. \$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,60

A Dôr através os tempos

J. B. CHAGAS

-- II --

4 — A dôr no conceito espirítico.

Vimos no capítulo anterior a evolução da dôr, através os tempos, os trabalhos e os esforços empregados pelo homem para domá-la ou vence-la. Veremos, agora, a dôr, essa megera que, no conceito de muitos, avassala as criaturas, submetendo-as ao seu guante numa verdadeira escravidão, como a encara a Doutrina dos Espíritos, aquela que, graças à misericórdia do Pai, teria de transformar a Dôr, de megera e espantinho do homem, no seu anjo de Paz e de Consolação.

Partamos do princípio universalmente conhecido de *que todo efeito tem causa*. Consideremos, como já é sabido, o homem vivendo mergulhado no mundo dentro de um campo, aparentemente um vácuo, mas que, ao contrário, está povoado de vibrações sutis, onde êle vibra, se agita, e emite ondas eléctrico-magnéticas, que se propagam pelo Infinito em fóra. E como tal, sujeito às mesmas alternâncias de frequência e de potência. Ligado a êsse montículo de terra, ou *grão de areia astronômico*, como bem classificou a Terra, *Camilo Flammarion*, terá o homem de sofrer as inevitáveis consequências dessas variações e mudanças vindo a se refletirem, invariavelmente, nos seus corpos, físico e psíquico.

a) — *A dor como benção de Deus.*

«A dôr é uma benção que Deus envia a seus eleitos; não vos aflijais quando sofrerdes; antes, bendizei de Deus que, pela dôr, neste mundo, vos marcou para a glória do céu!» (EVANG. S/O ESP. Cap. IX/7).

b) — *A dor manifestação da justiça divina.*

O homem, pela ação de uma vigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e deshumano, poderá a seu turno ser tratado duramente e com deshumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta ou fez

máu uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; si foi mau filho, poderá sofrer pelo sofrimento dos seus filhos, etc.

Jamais deve o homem olvidar que se acha num mundo inferior, ao qual sómente pelas suas imperfeições se conserva prêso.

As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos ou extremamente ignorantes para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa.

Assim os espíritos não podem aspirar à completa felicidade, enquanto não se tenham tornado puros; qualquer mácula lhes interdita a entrada nos mundos ditos.

As provações da vida vos fazem adiantar, quando bem suportadas. Como expiações, elas apagam as faltas e purificam. São o remédio que limpa as chagas e cura o doente.

5 — O porquê da dôr

Rendamos, pois, graças a Deus, que em sua bondade infinita, faculta ao homem reparar seus crimes e não condena irrevogavelmente por uma primeira falta.

Por isso, disse Jesus, muito acertadamente:—«Bem aventurados os aflitos, pois que serão consolados!»

Mas, como há alguém de se sentir ditoso por sofrer, se não sabe porque sofre, ignorando, portanto, a causa do seu sofrimento?

Assim é que, como o Consolador prometido por Jesus, o Espiritismo, vem mostrar a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra claramente o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras.

O homem compreende assim, que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe, ademais, que êste lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o obreiro aceita o trabalho que lhe assegurará o salário.

O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se lhe apossa da alma. (EVANG. S/O ESP. Cap. VI/4).

* * *

E eis agora como o Espírito de *Marieta*, define a tendência do homem sempre para o mal, criando para si próprio êste estado d'alma, de angústias e de sofrimentos :

«O Bem, essa essência de Deus, estendida por todo o Universo, é o que o homem, abusando do precioso dom de liberdade, tenta corromper com os seus atos. O mal, êsse dâno que o homem por tanto tempo acreditou residir fóra dêle, não é perene, nem se acumula com o bem; para cada suspiro há uma esperança de consôlo; para cada lágrima, um momento de alegria; para cada dôr um prazer; e essas compensações não são encontradas na Terra—temo-las aquí onde o Espírito é livre!» (MARIETA, pags. 122/3).

«Assim como o mineral bruto sob a ação do fogo ou das águas, se transforma pouco a pouco em metal puro, assim também a alma, incitada pelo aguilhão da dôr, se modifica e fortalece. E' no meio das provações que se retemperam os grandes caracteres.

«A dôr é a purificação suprema, a fornalha onde se fundem os elementos impuros que nos maculam: o orgulho, o egoísmo, a indiferença. E' na escola da dôr onde se depuram as sensações, onde se aprendem a piedade, a resignação estóica». (LÉON DÉNIS — O PORQUE DA VIDA, pag. 25).

c) — O de *méritus*

Si algum mérito há no estudo que estamos fazendo sôbre a evolução da dôr, e suas consequências morais, transcendentais, será aquele de fazer conhecer ou lembrar ao homem, meu irmão, meu semelhante, o seu verdadeiro papel dentro da vida e a categoria do mundo que lhe fôra dado para viver; que esta lembrança parte de alguém que não está fazendo filosofia sôbre um assunto de tão magna transcendência, pois, que muito já sofreu, e que fôra advertido, caridosamente, por almas piedosas, de que muito terá ainda de sofrer, no seu caminhar por sendas escabrozadas e difíceis, até chegar ao termo da jornada!...

Mônada divina, o homem é senhor de conhecer o Bem e o Mal; de escolher espontâneamente, entre um e outro. Usando do seu livre arbítrio, sente geralmente mais atração para o mal, daí o ter de arcar com acervo de responsabilidade, conseqüente à sua própria escolha.

E, como fiel da balança divina, o Pai permite que a dôr visite o homem, fazendo-o despertar do letargo em que se encontra para com as cousas de Deus.

Como consequência lógica das dôres renovadas, nasce no íntimo de cada ser a consciência do *Eterno Volver*, sustentado por *Le Bon*, *Nietzsche* e outros, fazendo-o estacionar no trilho do seu descaminho para optar pelas retas sendas, fazendo, assim, derruir todo o castelo das afirmativas daqueles que viam na teoria das reencarnações sucessivas, um verdadeiro círculo vicioso.

O dilema está traçado — é este: pare o homem de errar, e logo deixará de ser presa constante do aguilhão da dôr! Até mesmo, quando, tomou a deliberação consciente de não errar mais, já aí começa a sentir, em tórno de si vibrações estranhas, como o éco sublime provocado pelos seus próprios sentimentos e pensamentos! Verá, também, que a sua própria aura, se enriquece de tonalidades novas, diferentes.

«Se pudéssemos conhecer os impulsos que movem a vontade de um homem — escreveu *Kant* — ainda os mais leves, e prever todas as ocasiões externas que atuam sôbre êle, possível seria calcular a conduta deste homem, — com a mesma exatidão que se calcula um eclipse do sól ou da lua».

Daí dizer-se com base de certeza que o homem é o artífice da sua vida e o construtor da sua própria felicidade!

«*Ego sum qui sum!*... (Exo. III-14). O homem será sempre aquilo que êle quiser que seja, apesar de afirmarem muitos filósofos, que o homem é um produto do meio. Não negamos a influência que o meio exerce sôbre os indivíduos, mas quando êsse mesmo indivíduo é possuidor de uma vontade potente, conseguirá vencer o meio e, por fim, triunfar galhardamente, tudo dependendo dêle mesmo!

«*Ego sum qui sum!* — disse Deus a Moisés. Paz e luz.

Estudos Evangélicos Reencarnação

DR. LUIZ MARTUCELLI



A misericórdia divina se revela, principalmente, na graça da reencarnação. Seres imperfeitos e impuros que somos desde o início de nossa existência, deu-nos Deus em obediência as suas regras imutáveis, a oportunidade de conseguirmos a correção dos nossos defeitos, o aperfeiçoamento do nosso espírito, através das vidas sucessivas, durante as quais cada um de nós, de acôrdo com o seu gênero de vida, vai polindo as suas imperfeições, burilando o seu character, formando o próprio destino para as existências posteriores.

Geralmente, entretanto, na pobreza da nossa linguagem e dentro do acanhado âmbito dos nossos conhecimentos, confundimos a significação da palavra *reencarnação* com a palavra *ressurreição*, sem compreendermos a verdadeira acepção de cada uma delas.

Temos, para nós, que reencarnação exprime justamente a faculdade ou o imperativo de renascer, de voltar à existência corpórea na vida terrena ou outro plano mais elevado, para que se processe o emendamento das nossas faltas, o aperfeiçoamento das nossas imperfeições e isto mesmo nos confirma a doutrina do Meigo Nazareno, que, falando a Nicodemus, disse: **AQUELE QUE NÃO NASCER DE NOVO NÃO PODERÁ VER O REINO DE DEUS**. S. João 3/3.

Esse renascimento não quer dizer, evidentemente que para renascer seja preciso voltar ao ventre materno, como observou Nicodemus (S. João 3/4) mas reincorporar-se num outro envólucro material; num outro corpo físico, pois, como Jesus disse: «o que é nascido da carne é carne, o que é nascido do espírito é espírito» S. João 3/6.

Mostrou-nos Jesus, nessa passagem, que a nossa personalidade não é formada por um monte de carne, osso e nervo, mas se compõe de entidade distinta formando uma só personalidade: — o corpo físico, material, perecível e transitório e o espírito vivificador permanente e eterno. O corpo tomba, desfaz-se nos seus

diversos elementos orgânicos e inorgânicos, mas o espírito sobrevive; quando o corpo tomba e se torna inerte e putrecível, o espírito se desprende e busca novo agasalho da mesma forma como nós trocamos de roupa.

Essa constituição da nossa personalidade encontramos-la nos evangelhos do Mestre: «aquele que não nascer da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus». S. João 3/6, e ele adverte ainda: «não te maravilhes de te ter dito, necessário é nascer de novo» S. João 3/7, porque o vento assopra onde quer; ouves a sua voz, porém não sabes de onde vem nem para onde vai, assim é todo aquele que é nascido do espírito. — S. João 3/8.

O alcance dessa afirmação, naquele tempo, não era atingido pela compreensão dos homens. Hoje, porém, obdecendo as leis da evolução, já sabemos que todas as criaturas de Deus tiveram a sua origem, seu ponto de partida, dos seres infinitamente pequenos, cuja origem se processou nas águas, formando com o correr dos milênios, o nosso corpo físico material.

Quanto ao espírito, a nossa ignorância não alcança ainda a sua fonte e sua gênese, mas satisfaz-nos a advertência do mestre a Nicodemus: — Se vos falei de coisas terrestres e não crestes, como creis si vos falar das celestiais? S. João 3/12.

De consequência se o próprio Jesus disse: «e como Moisés levantou a serpente, assim importa que o filho do homem seja levantado para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna» S. João 3/14/15. Inegável se torna que a vida humana não se resume na peregrinação pela Terra; não se limita ao espaço de tempo compreendido entre o berço e o túmulo, porque o aniquilamento do corpo físico não importa na morte do espírito. Extingue-se e decompõe-se aquele, mas este sobrevive à morte do primeiro.

Bem por isso disse Jesus: «Deixai os mortos enterrar os seus mortos» Lucas 9/60. Assim falando êle quis dizer que o

enterramento do corpo físico extinto fosse feito por aqueles que não haviam ainda nascido para a vida espiritual, porque aqueles que não haviam ainda atingido as luzes espirituais mas que um dia também êles atingiriam, por isso Deus, como pai magnânimo e justo, não repudiaria a sua própria obra, abandonando os seus próprios filhos.

Esse propósito divino confirma a idéia da reencarnação como um processo de purificação das almas; como um processo de aperfeiçoamento dos espíritos.

A reencarnação, por isso, não pode ser confundida com a ressurreição e esta não significa que os mortos se levantem dos seus túmulos e perambularem entre os vivos, mas sim que, completada a sua purificação nas diversas vidas sucessivas, o espírito atingiu a etapa final da sua escalada para junto do reino de Deus.

Ninguém viu, até hoje, homem algum ressuscitado, mas diariamente vemos espíritos reencarnados, cuja presença se revela através da índole, do carácter, da inteligência, do vulto dos conhecimentos, enfim dos atributos revelados anteriormente, por indivíduos já mortos fisicamente e que na vida terrena eram portadores das mesmas qualidades.

O próprio Jesus não ressuscitou, no sentido vulgar da palavra, mas o seu espírito materializou-se durante curto espaço de tempo para trazer ao homem o testemunho da sobrevivência do espírito. E a despeito da sua morte física, Êle vive nos corações, guia os nossos passos, ampara-nos nas nossas vacilações.

A ressurreição de que nos falam os Evangelhos é o último marco da vida espiritual, isto é, o ponto em que, tendo o espírito atingido a suprema perfeição êle não reencarna mais porque tornado etéreo, mantém-se em relação direta com todos os espíritos, através da essência das almas, sem ser preciso tomar um corpo físico; sem ser necessário concretizar-se numa forma perceptível à evidência dos nossos sentidos.

Disse o Mestre... Deus enviou Seu filho ao mundo não para que condenasse

o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Êle (S. João 3/17).

Compreende-se que tendo sido essa a missão de Jesus, essa missão teria sido inútil desde que a morte do corpo fosse a última cena do drama da vida humana. A reencarnação portanto, enseja a que os maus e os injustos se tornem bons e justos, e os bons e justos se tornem melhores; que processada essa transformação o mundo cheio de lágrimas e misérias se converta num paraíso cheio de paz e encantamentos.

Bem por isso ensinam os Evangelhos: «A casa de meu pai tem muitas moradas» S. João, Capítulo 14.1/2/3. Nessa afirmação positivou Jesus que a ascensão espiritual não se processa aos saltos mas gradativamente, por etapas ascendentes, como a galgar degraus, descortinando, à medida que sobe, horizontes mais vastos abrangendo amplidões mais iluminadas, à proporção que se distancia das coisas terrenas e materiais.

E' por isso que no Evangelho de S. Mateus, repete-se a recomendação de Jesus: «Não ajunteis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam e roubam, mas ajuntai tesouros do Céu onde nem a traça e nem a ferrugem corrompem e onde os ladrões não minam e não roubam». (Capítulo, 6/19).

Do que ficou dito, se nenhuma criatura de Deus se perderá, se pela reencarnação dos espíritos, através das vidas sucessivas todas as ovelhas do Senhor voltarão ao Seu redil; a ressurreição é, afinal, a redenção das almas como símbolo da pureza e da perfeição, desaparecendo, por imprópria e insustentável, a idéia do morto redivivo.

Finalizando este capítulo cumpre perguntar: se a morte fosse a última fase da vida, se a reencarnação não fosse uma verdade inelutável, qual seria o escopo da vida? Para que viver, para que ser bom, ser justo, ser caridoso e humilde, se no subsolo da sepultura seriam enterradas todas as virtudes, da mesma forma como seriam enterrados todos os vícios, todas as perversões?!

Tudo o que fizerdes para glorificar Jesus e sua Doutrina, em espírito vivificante, será anotado no Livro da Vida e dareis ensejo a que possamos vos auxiliar e participar das vossas justas alegrias. Que as vossas principais cogitações, pois, sejam no sentido de servir a causa de Jesus, certos de que tudo o mais vos será acrescentado a mancheias. —CAIRBAR.

PONTOS DE VISTA

LEOPOLDO MACHADO

A Palavra dos Guias.

Que a palavra dos guias deve ser ouvida e acatada, não há dúvida.

Atacada e ouvida sem se lhe emprestar, entretanto, infalibilidade, que infalível só Deus.

Não é pelo facto de ser espírito, que deve saber tudo e tudo descorfinar.

«Não creiais em todos os Espíritos, mas, naqueles que são de Deus», adverte João.

E Espíritos de Deus são mansos, verdadeiros, caridosos, tolerantes.

Espírito perfeitíssimo foi o Cristo, que não aceitou o adjetivo bom que se lhe deu, que não cansou de afirmar ser o Pai maior do que Ele.

E não há guia que se compare ao Cristo, em perfeição, sabedoria e bondade.

Mormente, quando se trata de guias que contrariam o espírito de trabalho, solidariedade e tolerância da Doutrina.

Sabemos de um caso típico, que atesta o perigo de seguir às cegas a palavra de guias.

Foi durante o Congresso de Mocidades Espíritas, êsse movimento que assinalou um marco áureo na História do Espiritismo no Brasil.

A mocidade espírita de importante cidade mineira resolvera aderir ao certame, com a desaprovação apaixonada de seu presidente, da presidente do centro espírita em que funciona, médium de qualidades infalíveis.

Mas, na reunião seguinte da *Mocidade*, ordem do guia para suspender a adesão ao Congresso!...

Ora, o guia fôra importante médico do Rio, que se batera pela unificação do Espiritismo e fraternização dos espíritas. Não era possível que, no Espaço, vendo as coisas de mais alto, involuisse, retrogradasse...

Quantos crimes da médium, santo Deus!

1) A confissão tácita de sua falta de autoridade para impôr-se, com lógica, aos moços, a ponto de apadrinhar-se, mistificando, de um grande Espírito para a satisfação de suas paixões mesquinhas e antiespíricas;

2) Dolorosa mistificação e consequente malbaratamento do precioso dom da mediunidade;

3) Calúnia atirada a um grande Espírito.

Estes, os maiores.

Vamos ouvir e acatar a palavra dos guias.

Mas, é preciso que sejam mesmo guias, essa prova que só podem dar, sendo lógicos, tolerantes, desapaixonados...

* * *

Colaboração em jornais profanos

A colaboração espírita em jornais espíritas, claro que só aproveita aos espíritas.

E espíritas que leem, que estudam, infelizmente, ainda muito poucos.

Para o mundo profano, a propaganda da Doutrina em jornais profanos apresenta mais rendimento.

Agora mesmo, estamos irradiando uma crônica espiritualista pela Rádio Globo, no programa HORA DA BOA VONTADE, às sextas-feiras, às 17 horas.

Crônicas que saem, depois, em A OPINIÃO, de Nova-Iguassú e no DIÁRIO TRABALHISTA, do Rio.

* * *

Meios de purificação

A dôr, o sofrimento é, indiscutivelmente, o meio de purificação mais

cantado e decantado, que tem, até aqui, forjado os herois, os santos.

Mas, será o único, o melhor?

Não o cremos.

O sofrimento aperfeiçoa, é claro, o sofredor.

A dor é o cadinho em que o Espírito burila suas imperfeições, polindo-se para uma vida melhor na Espiritualidade, em outras migrações na Terra, em outras existências em mundos superiores.

Mas, a bem pensar, o sofrimento só aproveita ao sofredor, embora o sofredor sirva de modelo a outros candidatos à perfeição.

E o trabalho porfiado, rendentor, altruista, que beneficiando o trabalhador, beneficia, por vezes, e muito mais, os que se locupletam dele?

Não será cadinho melhor e meio mais puro de aperfeiçoamento?

☉ Fenômenos de Materialização ☉

Conclusão da Crônica XXIX

«Relato da Sessão de 23/3/48»

Présidida pela irmã Lais, a reunião teve início às 20 horas.

Um espírito protetor orientou-nos a respeito dos trabalhos, salientando que iria ser feita a experiência do fenômeno de iluminação do perispírito necessitando, os nossos guias, da concentração de pensamentos elevados, da parte dos incarnados, como colaboração destes para o bom êxito dos seus esforços. O médium, através do qual falara o espírito, vai acomodar-se na cabine. Canta-se o hino «Fica conosco Senhor».

Eu cantei-o de olhos fechados, e ao término, abrindo-os, deparei no espaço, acima do ombro, uma cruz luminosa, movimentando-se de um lado para o outro, aparentando ter 80 centímetros de diâmetro.

Poucos minutos de duração teve o inédito fenômeno, passando a fazer-se espessa escuridão no ambiente. Depois disto, sinto aproximar-se de mim um espírito, o qual coloca uma de suas mãos na minha cabeça, entregando-me, com a outra, 3 espécimes de flores naturais. O espírito foi por mim identificado. Era Margarida, minha saudosa esposa, recambiada, ha anos, para o outro plano da vida. Os fenômenos luminosos começam a dar-se em abundância. Eles se iniciaram no cômodo contíguo á cabine e eram de tal grandeza que faziam clarear todo o salão. Do lado oposto onde eu estava, aparecem os três nomes luminosos seguintes: David, Scheila e Nina.

Depois de alguns instantes eu vi, a-

través do vidro do biombo, um espírito que me mostrava uma luz, a qual era do formato estreito, mas que lhe vinha dos pés à cabeça. Suas mãos eram luminosas e, com elas, o espírito fazia algo ignorado, porém percebia-lhe facilmente os movimentos. Avança em direção ao vão da entrada lateral onde eu me achava, mostrando-me um quadro luminoso com o nome *Margarida* tendo, nas duas extremidades, duas flôres mimosas do formato de Margaridas.

Em seguida forma-se uma bola redonda de luz, de tamanho considerável, conservando a sua dimensão por instantes e diminuindo, á medida que subia, até formar um tamanho possivelmente convencional, tomando a forma de triângulo, pairando no espaço acima do biombo e se precipitando pelo salão, descendo à altura das nossas cabeças, chegando mesmo a descer de nível ao passar em frente de alguns irmãos.

Era deslumbrante êste fenômeno!

No cômodo seguinte ao espaço onde está improvisada a cabine, parece haver sol intenso, donde partem raios que iluminam o ambiente. É verdadeiramente sublime tudó isto que os nossos olhos contemplam! Sai então um espírito. Espanta-nos pela maneira com que se nos apresenta.

O seu tronco é luminoso, deixando-me a impressão de que é constituído de vidro fôsko, dentro do qual ha uma lâmpada acêsa de grande potência.

Nas suas mãos o espírito conduz flôres e os seus movimentos dão a impressão de uma pessoa de carne e osso.

O mais interessante é que a sua luz não clariava o salão nem os próprios irmãos a quem êle oferecia as flôres! Êste fenômeno se repete, com mais de um espírito. A sala vizinha parece-me estar improvisada de uma hipotética mesa de operação mediúnica. Ha momentos de grande vibração espiritual. Vários irmãos comentam a transcendência dos fenômenos, salientando a da iluminação do perispírito, fazendo cada qual, as suas deduções filosóficas. Ouve-se a voz de um espírito, a chamar as nossas irmãs Lais e Lenice á cabine.

Elas respondem e obedecem, indo ao seu encontro.

Logo que elas entraram, ouve-se-lhes uma exclamação simultânea. «Oh! Nina toda iluminada!». O espírito convida-as a se aproximarem dêle, abraçando-as, pedindo-lhe, elas, que permitisse beijar-lhe as mãos, não que foram atendidas. Lenice chora convulsivamente, perante tanta grandeza! Lais conserva-se aparentemente calma, ouvindo os conselhos de Nina. A primeira sai chorando, ainda, e a segunda parece aparvalhada, certamente por causa da forte emoção experimentada por tudo o que observara, que era algo de maravilhoso e empolgante. Aparece agora outro espírito, que veio ao salão, nas mesmas condições de luminosidade dos que se materializaram antes dêste. Ha momentos de grande emoção quando os irmãos Amadeu, Virgilio e Madalena reconhecem o pai e, D. Dulce, o esposo! Era David, o espírito amigo que nos vem sistematicamente distinguindo com a sua dedicação espiritual. Filhos e esposa choravam como crianças, enquanto que o espírito pedia que se acalmassem. Conforta-os e assiste-os um por um, dando passes em seguida aos doentes que estavam no recinto, e regressando à cabine. Fidelinho ajuda-nos a cantar a «Canção Materna», aparecendo ligeiramente, apresentando-se com um ponto luminoso, com a aparência de uma estrela. As jovens Dulce Santos e Dulce de Fatima Oliveira, netas de David, regressam do serviço de assistência de um ambiente externo. Reaparece David, iluminado como das vezes anteriores, parando junto á mesa que está colocada perto da cabine. Chama pelas netinhas e convida-as a se aproximarem dêle. Elas obedecem e êle começa a confortá-las com palavras amigas e conselheiras, repassadas de carinho. Faz-se nova-

mente silêncio, quando Margarida vem junto de mim, a perguntar-me se fiquei satisfeito com as margaridas que ela me havia oferecido. Respondi-lhe afirmativamente. Daí a pouco ouço vários irmãos agradecerem, a um espírito, as flores que lhes estava ofertando, afirmando os irmãos Amadeu, Lais e Lenice que era Margarida. Nina também veio, nesse instante, ao salão, conversando com alguns irmãos e retirando-se em seguida. Outros fenômenos de menor importância ainda se dão e passados alguns momentos, recebemos ordem dos guias de encerrar os trabalhos.

Acesas as lâmpadas, verifiquei que quasi todos os companheiros empunhavam as flores que os espíritos lhes tinham oferecido.

Com o meu coração cheio de felicidade e com três margaridas na minha mão, deixei o «André Luiz», ás 24 horas.

(a) *Afonso Pinto da Fonseca.*»

«Uma sessão de efeitos físicos no Grupo Espírita «André Luiz», do Rio de Janeiro, á rua Moncorvo Filho, 27, sobrado, em 23 de Março de 1948.

«E' tempo de abandonar discussões fastidiosas e de expor os testemunhos pessoais que me convenceram da objetividade dêstes fenômenos.

Aos que não fizeram experiências semelhantes é quasi impossível dar idéia da influência e da acumulação de provas que nos levaram á convicção.»

Assim inicia Sir William Barrett, professor de física da Universidade de Dublin, o IV capítulo de sua substanciosa obra — «Nos Umbrais do Além», análise científica dos fenômenos do Espiritismo.

Assim também deixo o meu testemunho dos fenômenos de materialização luminosa, voz direta e de transporte, que presenciei no Grupo Espírita «André Luiz», do Rio de Janeiro.

Tinha vivos na memória, e no subconsciente acumulados, todos êstes fenômenos, que levaram á convicção dos factos espíritas o sábio Prof. inglês e que Richet, Lombroso e tantos outros de renome mundial, primeiro negaram para os confirmarem depois, vencidos pela evidência dos mesmos. Tais fenômenos, através de relatórios científicos surpreendem. Admirados na sua realização, deslumbram.

Eramos pouco mais de trinta pessoas numa reunião tão íntima, que se pode dizer familiar. Sala retangular e estreita, medindo cerca de três por nove metros de comprimento. Ao fundo um biombo de vidros fôscos e transparentes, a isolar da assistência a cama reservada ao médium. A' guisa de portas, pendiam-lhe das extremidades duas cortinas. Era a cabine formada á frente de pequeno quarto, onde foram postos sôbre tósca mesa, um fogareiro elétrico, um vaso com água e outro com parafina. Completando o mobiliário, quatro ordens longitudinais de cadeiras dispostas frente a frente, a encherem quasi literalmente a sala.

Junto à porta de acesso ao recinto, que fora fechada, a mesa da presidência. 20 horas. Feita a prece inicial, foram apagadas todas as luzes, por determinação do Guia Espiritual. A escuridão é indispensável para os fenômenos luminosos, que se vão realizar, explicou. Quando em surdina um hino era cantado, pequena cruz luminosa se forma no espaço, para logo desaparecer. A convite da presidência, a Senhorita Lenice Teixeira Dias, acadêmica de medicina, faz uma oração ao símbolo do Calvário. E nova cruz se forma, bem maior e mais refulgente, como se fôra cravejada de joias cintilantes. Exclamações foram ouvidas a confirmarem geral contemplação. Surgiu depois uma esfera luminosa que percorreu o recinto em todas as direções, quasi tocando algumas vezes as cabeças dos assistentes. Novo hino é entoado. Em caracteres de luz, vão escrevendo, na lousa da escuridão: David, Scheilla, Nina, Margarida. São nomes familiares de espíritos queridos que se anunciam.

Para os lados da cabine, flutua no espaço um retângulo de luz, como se fôra um espelho fluorescente, a refletir duas mãos, empunhando flores. O quadro deslumbra. Desloca-se para a direita e para a esquerda. Não perdi um só de seus movimentos.

Ei-lo que se alonga e desce ao centro da sala. Toma forma humana. O tronco iluminado. Pendentes dos ombros caem os braços envôltos em largas mangas de fino tecido transparente e luminoso. A cabeça numa penumbra, como que tendo um véu escuro a cair para trás. Avança. Estende-me uma flôr com a mão direita, a qual tomo entre as minhas, sentindo-a

na sua forma e resistência, eu quanto com a esquerda, afaga-me a cabeça.

Afasta-se lentamente a distribuir flôres á assistência. Percorreu a sala toda e desapareceu, entrando na cabine. As flores que ficaram, frescas e viçosas, são reais e naturais: dalias, margaridas, cravos e hortênsias.

Conscientes, testemunharam todos a formação tangível do perispírito, fluidicamente iluminado, iluminando a imortalidade da alma nos dois planos da vida. Os mundos, dantes pela morte separados, são agora unificados pelo espírito, na incontestante manifestação dos seus atributos. Seis vezes o fenômeno se repetiu. Todos idênticos na forma, vestuário e luminosidade. Quando cada entidade se afastava, uma voz na cabine anunciava: David, Nina e Scheilla...

Contrôlo ou emitente, a materialização do espírito por todos verificada, é infosismável. Nos intervalos, relâmpagos iluminavam toda a cabine, clareando as vidraças do biombo. A segunda entidade luminosa atravessa o recinto, passa pela minha frente, aproxima-se de um vizinho e debruça-se sôbre o seu corpo. Ouvi o estalar de um beijo.

O Dr. Amadeu Santos anuncia emocionado: «recebi um beijo de meu pai!» Era David. Ouvi o espírito dizer-lhe: «não chore; não se emocione».

A penúltima entidade não trazia flores. Saindo da cabine, dirige-se a mim diretamente. Tanto se aproximou que o seu véu de luz, caiu-me sôbre as mãos. Tomando-o entre os dedos, senti-o como se fosse de gaze. Afagou-me a cabeça e o rosto com as mãos, regressando em seguida. E a voz da cabine anunciou. «É' Petitinga». (Trata-se do pai adotivo de minha esposa). Outros espíritos foram vistos pouco iluminados, sendo um de criança, cuja voz infantil foi ouvida, cantando com a assistência o hino «Canção Materna». Vários assistentes relataram, ter recebido flores, passes, apertos de mãe, e tocado as vestes luminosas. As srts. Lenice e Lais Teixeira Dias foram chamadas á cabine, onde conversaram com o espírito de Nina, que se apresentou todo iluminado, segundo relataram, e a minha esposa pode testemunhar, por se achar sentada junto á porta da cabine entre a berta.

Quando em pé, eu dava as minhas

impressões, uma flôr com algumas folhas, foi enfiada na minha mão direita, sem que visse, nem sentisse qualquer aproximação. Em seguida, uma voz da cabine perguntou: «Onde está a filha de Petitinga?» Voz conhecida, de um familiar. Estou aqui, José, respondeu minha esposa. «Petitinga lhe deixou uma flôr de parafina. E David uma luva». Por duas vezes o ambiente ficou saturado de inebriante perfume. Finalizou os trabalhos, evangélica alocução ouvida da cabine, a todos enternecendo. Encerrada a sessão depois de uma prece congratulatória, indizível

contentamento dominava a assistência. Foi a cabine invadida e admiradas a luva e uma pequena orquídea moldadas em parafina.

23 horas e 50 minutos.

Tem razão William Barrett: «Aos que não fizeram experiências semelhantes, é quasi impossível dar idéia da influência e da acumulação de provas que nos levaram á convicção.»

Rio de Janeiro, 24 de Março de 1948.

(a) *Dr. Clodoaldo de Magalhães Avelino.*

Mistificação

PEREIRA
GUEDES



A Igreja Católica Apostólica Romana, no uso dos seus direitos, também dogmatizados, servindo-se da interferência da Polícia, conseguiu fechar a Igreja do ex-bispo de Maura, fez cessar a circulação de sua revista, forçando-o ainda ao uso de uma indumentária diferente.

Teria havido razões para tudo isso? Não sabemos. O que é verdade, entretanto, é que o ex-bispo viu-se privado, de um momento para outro, de um direito que a Constituição lhe garante. A sua Igreja, tão boa quanto a outra, foi impedida de realizar seus cultos; sua revista LUTA! foi apreendida nas bancas dos jornaleiros e o velho sacerdote rebelado teve necessidade de modificar o figurino de sua batina que, de preta que era passa à côr cinza, visto que são essas exterioridades as maiores razões de ser de ambas as Igrejas que se degladiam.

Agora, o velho bispo, antigo secretário de Dom Leme, não tendo onde pregar, em virtude do fechamento de seu Templo, por ordem da Polícia, teve que curvar-se diante das autoridades, com certa reverência, pedindo misericórdia. Nas horas vagas, entretanto, o velho secretário do Arcebisado do Rio de Janeiro, vai pregan-

do a sua mistificação pelos terreiros de «Umbanda».

O Padre Negromonte, pelas colunas de um órgão católico que é o JORNAL DO BRASIL, também está reclamando contra os espíritas mistificadores, isto é, os que procuram de certo modo, imitar o catolicismo.

Deolindo Amorim, o admirável cronista de MUNDO ESPÍRITA, que rebate com precisa erudição os argumentos do Padre Negromonte, em seu artigo publicado em 28 de maio p. passado, acaba por concordar que o Padre tem razão. E, de facto, tem mesmo.

O Espiritismo está sendo desvirtuado, não só porque um grande número de espíritas está se voltando para o Ubandismo que é uma modalidade sincrética, com raízes na religião católica, como também, porque muitos espíritas místicos e mistificadores, estão usando e abusando do direito de fazer o que pensam em matéria de cultos e propaganda espírita.

A criação do Apostolado Espírita Nacional, a União das Samaritanas Espíritas, os hinos que se cantam por toda parte, em congressos e festividades, o que são senão uma triste imitação das velhas e caducas religiões? E as festas juninas anunciadas pelo rádio e os fogos de artifício que se queimam no alto da *colina*? E os pregões dos leiloeiros e as bar-

raquinhas (mafuás), o que são senão a imitação daquilo que tanto se tem combatido, como frivolidades? Serão êsses processos recomendáveis à propaganda do Espiritismo? Certo que não!

Mas, o Padre Negromonte tem razão. Ninguém lhe poderá contestar êsse direito, o de reclamar contra os que arremedam as práticas de sua Igreja.

Quando alguém nos veio trazer o MUNDO ESPÍRITA que acabava de chegar, para que lêssemos o belo artigo de Deolindo Amorim — IMITAÇÃO DO CATOLICISMO — estávamos lendo Cairbar Schutel em PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS.

Ao retomarmos a leitura do precioso livro do fundador desta revista, o trecho a seguir era o seguinte: (1)

«Os pastores e os sacerdotes, arrendatários da Vinha — maus obreiros — que conspurcaram os sentimentos cristãos, transformando a Religião de Jesus em missas, imagens, procissões, aparatos, músicas, girandolas e sacramentos, são chamados às contas e o látego da verdade, desde já os expulsa da herdade que será entregue a outros para que os frutos da Vinha sejam dados aos famintos de Justiça, aos desherdados de consolação, aos que procuram a luz que encaminha e conduz à perfeição».

Aí temos pois, duas épocas distintas. Há, mais ou menos 28 anos passados, quando Cairbar Schutel lançou a 1.ª edição de PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS, os meios espíritas não se achavam ainda contaminadas de tantas inovações descabidas. Naquele tempo, os brilhantes artigos, como os de Deolindo Amorim publicados recentemente em MUNDO ESPÍRITA, sob o título sugestivo de *Espiritismo e Sincretismo Religioso*, não teriam sido tão necessários como o foram na hora de confusões que estamos vivendo e assistindo de perto a mais torpe sincreti-

zação da até então mais pura de todas as doutrinas — o Espiritismo.

As opiniões apressadas que chegam a classificar no mesmo nível, sociedades espíritas, umbandistas e ecléticas; que comparecem, indistintamente, às sessões das primeiras como às batucadas das demais; que se misturam como se promiscuidade em movimentos de tão alta relevância significasse fraternidade, estão promovendo no movimento espírita do Brasil, a mais ridícula contaminação a que nenhum espírita consciente poderá emprestar a sua contribuição, principalmente como dependência ou ramificação do Espiritismo.

Deolindo Amorim, rebatendo as palavras do Padre «Negro Monte», acaba concordando com o sacerdote dizendo:

«Infelizmente, lamentavelmente o Padre Negromonte não deixa de ter razão, Honestamente, sensatamente devemos reconhecer que, em parte, é Verdade. Sejam os coerentes. Convém notar que as grandes figuras da humanidade (Francisco de Assis, Paulo de Tarso, Antonio de Padua, por exemplo) não constituem propriedade da Igreja. Mas o que é verdade é que muitas sociedades espíritas procuram imitar o Catolicismo por todos os modos: nomes de Santos e Santas, prece do 7.º dia, prece «ação de graça» (missa), oferendas «por alma» do irmão Fulano ou Beltrano, etc.»

E o articulista, sensatamente, pergunta:

«Que quer dizer tudo isso, se não cópia do Catolicismo?»

* * *

A rebeldia do bispo D. Carlos Duarte Costa, ex-bispo de Maura, contra o ultramontanismo romano, apesar de estar preparada outra mixórdia, significa que, mesmo no Brasil, o maior país católico do mundo, no dizer de um Arcebispo estadunidense ao saudar o Presidente da República do Brasil em sua recente viagem à grande República do Norte, o Catolicismo que é o mais bem

(1) *Parábolas e Ensinos de Jesus*, página 47.

organizado partido político do mundo, e de âmbito universal, não está assim, tão seguro como quer parecer a tanta gente!

A comemoração do dia de S. Jorge, nesta Capital, é a prova incontestável do engrazamento dessas duas correntes religiosas—o Catolicismo e o Umbandismo—formando êsse rosário místico que, tanto na Igreja como no Candomblé, tem a mesma significação.

O Catolicismo, em suas festas e missas de grande pompa, como as de S. Jorge e São Sebastião, tem a contribuição valiosa, em número, dos «umbandistas», «cangeristas» e até de espíritas arrevezados.

Ao assistirmos do 8.º andar do Palácio da Guerra, a multidão que formava a fila, de mais de um quilómetro, para assistir a missa de S. Jorge, disse-nos um fervoroso católico que, a maior parte daquela gente era de «umbanda» e de «macumba», que aliás se confundem nos mesmos ritos e objetivos.

O Templo do Senhor do Bonfim, em São Cristovão, êste ano, realizou, à moda da Bahia, com autênticas baianas, de saias rodadas, tórso, braceletes e balangandãs, a cerimônia de lavagem do chão. Os jornais de grande tiragem comentaram o acontecimento com fotografias ilustrativas do facto. Ao ato, compareceram altas autoridades e personagens de destaque, na política e nas rodas de Umbanda.

Da Bahia veio de avião o sr. João Alves Torres, o maior «babalaô» de fama reconhecida nos meios umbandistas, depois do seu rival, o Cobra Coral, que suicidou-se recentemente.

* * *

Agora, voltando ao assunto anterior, isto é, o da imitação pelos espíritas, das práticas católicas, recordamos de alguém que nos dissera certa vez, que, em imitar o que é bom, não há nenhum mal para o Espiritismo. Mas, a êsse alguém que é confrade, perguntaremos: fazer leilões de prendas, cantar hinos, promover festas juaninas, churrascadas, bailes,

barrquinhas para a venda de artigos vários, tipo «mafuá» que a Igreja do Engenho de Dentro instituiu e dos quais falava Viana de Carvalho em seus belos artigos críticos pelo jornal «AURORA», de Ignacio Bittencourt; mocidades uniformizadas, comemoração dos dias dos Santos da Igreja e denominação de sociedades espíritas com nomes de personagens que a Igreja romana exalta, como Santa Teresinha, S. Jorge, etc., será isso boa imitação? Tudo isso, entretanto se anuncia pelos jornais e pelo rádio, principalmente as festas com fogos de artifício, e por péssimos *pirotécnicos* da palavra, será, repetimos, bôa imitação? Mas, se continuarmos percorrendo as ruas da Capital Federal, tendo em mão o indicador das Associações Espíritas ou tidas como tais, em pleno funcionamento; se assistirmos os seus trabalhos ou cultos, havemos de concordar com o Padre Negromonte, porque, o Espiritismo, hoje apregoado e praticado como está sendo, não há dúvida alguma, caminha a passos largos para êsse sincretismo religioso de que nos fala, com tanta justeza, o cronista admirável de «MUNDO ESPÍRITA».

Está provado que o povo gosta dessas extravagâncias místicas.

A «Fraternidade Eclética, Espiritualista Universal», que tem por mentor um excêntrico «mestre Yokaanam», instalada bem no centro da maior avenida da Capital, é, em seus dias de sessões (principalmente de sessões de umbanda), um verdadeiro formigueiro humano.

Em matéria de rituais, a «Eclética», como se fôsse uma loja, daquelas — nada além de 2\$000 — tem de tudo.

Alí se praticam todos os ritos, e, para não fugir à regra estabelecida, também tem a sua mocidade espírita, MAHATMA GANDHI, a cuja inauguração compareceram os espíritas de maior influência nos meios juvenis, emprestando o concurso de velha experiência na organização dêsse grande movimento renovador.

Essa organização eclética é, talvez a mais famosa no gênero, pois, desde a indumentária da irmandade até os rituais das várias seitas que

alí se praticam, excedem a tudo quanto existe em matéria de excêntrica.

Concluindo, para mais uma vez concordarmos com o Padre «Negromonte», recordemos um facto mais: na vizinha cidade fluminense de Marquês de Valença (já tivemos oportunidade de acentuar em artigo anterior), foi realizada ha alguns anos atrás, com grande pompa, uma pro-

cissão, que, acompanhada por uma banda de música, em perfeita imitação das que a Igreja promove, só não teve, para mais perfeita cópia, os fôgos de artifício, isto é, o foguetório, porque, essa *innovationem* novíssima, cabe, de direito e de justiça, em festas espíritas, a cérebros mais famosos na arte do vilipêndio.

Rio, Junho de 1949.

Crônica Estrangeira

Uma Notável Sessão

Por Frederico Duarte, Manchester.

A's três horas da tarde do dia 21 de Março do corrente ano, telefonei a Madame Bullock perguntando-lhe se poderia ir visitá-la e ao seu marido durante a noite daquêle dia. Decejava mostrar-lhes o interessante livro do Padre Zabeu, cujo exemplar me foi enviado por pessoa amiga de São Paulo.

Disse-me que contava reunir em sua casa um grupo de pessoas pertencentes ao Rainbow Harmony Circle e convidados desconhecidos para mim, e naturalmente que ficaria muito contente em verme também alí.

Cheguei a sua casa ás 6 e meia da tarde e depois de cumprida a minha missão, ficámos aguardando os convidados.

Entre o total de 12 pessoas, incluindo a Madame Bullock, havia seis (dois casais, e dois homens de meia idade) a quem eu nunca tinha visto antes, tendo-me sido dito que um dos maridos e os dois homens eram dotados de poderes notáveis de curar por meio de passes (Healing).

Ficámos todos na sala de visitas tendo-se apagado a luz eléctrica mas havendo um clarão distinto emanado do fogo do carvão, do fogão da dita sala, que nos permitia distinguir-nos uns aos outros.

Passados uns minutos Madame Bullock caiu em transe e a primeira visita que tivemos foi da avó duma das senhoras presentes que tinha desincarnado uma semana antes.

Falou com a neta sôbre assuntos íntimos que muito comoveram a ela e ao

seu marido, apelando para ambos a continuarem com a sua obra.

Por muitos anos que essa senhora, que deixou esta terra aos 62 anos de idade, reunia em sua casa todas as semanas um grupo incluindo a neta e o marido.

Cairbar Schutel

Transfigurou-se a seguir o belo Cairbar, todo sorridente, e que me falou assim: — Olá Duarte, você é homem de palavra. Agradeço-lhe ter enviado já os seus escritos como me prometeu lá para a Revista e assim saiba que tudo se póde fazer quando haja «boa vontade», perseverança, e acima de tudo a Fé. Nós por aquí tratamos de guiar aqueles que trilham pelo caminho do Bem. O Gabriel está fazendo bons progressos. Você, Duarte, não arreie, pois ha-de ter sempre uma cama onde se deitar e uma chávena de chá e torradas para comer!

Começou a sorrir-se, e esta sua afirmação produziu hilaridade entre todos, mas Cairbar assim terminou: —

Sim, meus irmãos, se todos vós fordes honestos, sinceros, benévolos e crentes, nada há que receiar, pois que o Sêr Onipotente vos protegerá sempre.

Minha Mãe

Apareceu-me a seguir a minha mãe, que sorrindo disse-me: —

Frederico, o senhor Schutel é muito teu amigo.

Transfiguram se depois mais dois espíritos que foram reconhecidos, e finalmente o guia de Madame Bullock, a «litle Moonie» disse que ia terminar agora

o seu trabalho, para eu «uncle Fred» e os restantes observarem outros fenômenos.

Madame Bullock clarividente

A Madame Bullock depois de regressar ao seu estado normal disse-me:— Fred — A tua presença aqui foi sem dúvida (arranjada pelos nossos amigos do Além, com o fim de haver evidência tal que os outros presentes reconhecerão como sendo uma bela lição.

Começou depois a dizer mais:—

Encontra-se ao teu lado esquerdo o FENG, e do outro lado está o outro teu guia, o Padre Domingos. Noto que estão ambos muitos sérios.

Mal tinha acabado de falar quando um dos homens, meu desconhecido, se levantou em completo transe, dirigiu-se à Madame Bullock tendo-lhe dado uns passes (Healing) e fazendo uma reverência e o sinal da cruz, voltou-se na minha direção.

Seria por ventura o Padre Zabeu?

Fez uma reverência e disse em latim «DOMINUS VOBISCUM...»

De minha parte respondi-lhe também nêsse idioma

Começou a dar passes pela minha vista e de repente puxou-me para trás da cadeira de braços onde eu estava sentado, e colocou-me numa posição tal que pareceu estar eu deitado numa cama. Aproveitei a oportunidade de estar assim perto da minha face, fazendo-lhe a seguinte pergunta:— Serás tú o belo espírito do Padre Zabeu? Sorriu-se e só disse:— Hum, Hum, Hum, e em inglês numa voz forte me pediu para continuar com o meu tratamento das ervas.

Passados uns cinco minutos deixou-me e foi sentar-se.

Um dos maridos levantou-se e estando controlado pelo espírito dum doutor do Egito, produziu um magnifico discurso, louvando o grande valor da água, sal e das ervas.

Terminada a sessão passei aos presentes o livro do Padre Zabeu e todos ficaram um tanto perplexos ao verem ali uma das fotografias onde o Padre Zabeu está fazendo uma operação e a própria Madame Bullock pensa que a fórmula como eu fui atirado para o lado da cadeira, demonstra que há uma certa «afinidade».

Mas Madame Bullock, nem qualquer

dos presentes poudo conseguir saber da identidade dêste nosso amigo do Além.

Todavia, Padre Zabeu ou não Padre Zabeu, desejo publicamente agradecer-lhe pela sua visita e quando desejar voltar a ver-me que seja franco e me diga quem é.

O caso é que nunca gostei de «sugerir» e pensar ser verdadeira a identidade de qualquer espírito que me apareça sem me encontrar absolutamente convencido da verdade dos factos...



A Propósito do Mistério do Cérebro

«La Revue Spirite»

Um livro sobre a agonia cita uma série de factos surpreendentes:

Êste caso relatado pelo Dr. Gustavo Geley: Uma religiosa de Tinos, louca havia oito anos, certa manhã assegura ao Dr. Sermyn, diretor do asilo, que morreria na noite seguinte, revelando propósitos sensatos, razoáveis.

Martensen-Larsen cita exemplos análogos, especialmente o de um médico militar alienado que, aos 56 anos, tentou massacrar todos os membros de sua família e especialmente sua irmã. Pouco tempo antes de morrer, recuperou a razão e escreveu cartas implorando perdão aos que havia ofendido.

G. W. Siuysa tinha um amigo, um proeminente vienense, cujo irmão estava internado havia longos anos. O diretor do manicômio mandou chamá-lo, seu irmão desejava falar-lhe. Êle encontrou êste último em estado perfeitamente normal, mas a morte se verificou pouco depois. Feita a autopsia, o cérebro estava em estado de decomposição que devia remontar a muito tempo. Onde viera ao enfêrmo a sua lucidez? Em certos casos a dissolução do cérebro não determina a perda de consciência, da razão, nem da vontade. O anatomista Benecke, de Berlin, afirmava a seus discípulos que a autopsia do célebre arquiteto Schinkel, morto em pleno uso da razão, demonstrou estar a caixa craniana, exceptuando as meningeas, completamente vasia. «Eu poderia citar mais alguns casos dêste gênero, declarou o Dr. Benecke, que expõe casos de ferimentos de guerra com perdas de vastas porções

cerebrais sem a ocorrência de perturbações.

«Muitos factos desta categoria podem ser encontrados nos jornais de todas as potências beligerantes. Razão por que me dirigi ao célebre cirurgião, o prof. Schleich, que servia no 3.º Corpo do Exército, em Berlim, perguntando-lhe se também êle havia observado graves ferimentos no cérebro, com perdas importantes de massa cerebral, sem perturbações nas faculdades espirituais dos mutilados de guerra. A minha pergunta, respondeu o Dr. Schleich a 7 de Janeiro de 1918:

«Em resposta à vossa pergunta, eu vos afirmo, sob a fé de meu gráu, que tratei de cêrca de 20 casos de mutilações de cérebros, com perdas de substâncias do valor de uma a muitas colheres, sem que houvesse a menor perturbação na inteligência, a faculdade de calcular (contar) e a integridade do *eu*. Para meus assistentes e enfermeiras surgia a *questão de saber* si, em presença dessas perdas de massa cerebral, o cérebro poderia ser a séde da alma? Podeis citar a minha carta onde quiserdes, meu caro amigo, porque os factos são factos!

Professor Schleich».

Eis o que não nos conduz ao famoso paralelismo do cérebro e do pensamento, sôbre o qual está fundada a ciência universitária oficial!

A respeito do pensamento, M. Lefevre repete, como tantos outros:

Em seguida ás asserções materialistas que fazem do pensamento uma secreção do cérebro, eminentes cirurgiões nos asseguram que indivíduos continuam a pensar, a agir normalmente, «não obstante um cérebro reduzido ao estado de papa formando um vasto abcesso purulento; não obstante a perda de enorme parte do hemisfério cerebral esquerdo, não obstante ter-se a massa encefálica completamente destacada do bulbo, nas condições de um homem realmente decapitado»; etc., etc. Casos desta espécie são numerosos. Esses factos nos dão a prova formal de não ser o pensamento uma secreção do cérebro e, a êste respeito, não resisto ao desejo de citar o sábio Dr. Geley:

«Existe no Sêr vivente um dínamo-psiquismo que constitúe a essência do *eu*, e que absolutamente não póde estar subordinado ao funcionamento dos centros nervosos. Êsse dínamo psiquismo essencial

não está condicionado pelo organismo, ao contrário, tudo se passa como se o organismo e o funcionamento cerebral fossem por êle condicionados».



Intervenção Fantasmática

Dorothy Jennings conta, na revista «A Rosacruz», de Janeiro-Fevereiro, que tendo ido passar uma semana numa casa de campo, uma sua amiga allí hospedada, que estava tocando piano, interrompeu-se para lhe perguntar se lhe agradava que ela continuasse a tocar a sinfonia de Brahms. Enquanto lhe respondia afirmativamente, surgiu na sala a figura de uma rapariga, o que lhe causou grande admiração, porque na casa não havia nenhuma rapariga.

Por fim, Dorothy reconheceu naquela figura uma sua amiga falecida havia dois anos, Molly H. O fantasma parou diante dela, olhou-a profundamente de modo tal que Dorothy compreendeu a sua mensagem sem palavras: a mãe de Molly, a quem ela amava ternamente, em breve iria passar a novo plano de vida.

Depois de regressar a seu lar, Dorothy teve ocasião de verificar que a mãe da amiga estava de perfeita saúde. Duas semanas mais tarde, porém, a sra. H... caiu enfêrma com uma pneumonia. Como Dorothy estivesse convencida de que dispunha de poder curativo, collocou as mãos na cabeça da doente, semi consciênte, e numa prece, pediu a sua cura.

Volvidos instantes, appareceu sôbre a cama o rosto de uma jovem, depois os ombros e por fim todo o busto. O fantasma fez sinál a Dorothy para que retirasse as mãos da cabeça da anciã, ao que ela obedeceu. Embora a figura fantasmática tivesse parecença com a família H., Dorothy concluiu que não se tratava de nenhuma das duas filhas falecidas, e, enquanto continuava olhando, descobriu a verdade: Era o espírito da própria anciã, e como a vitalidade das mãos de Dorothy a atraísse para o velho corpo do qual desejava libertar-se, fez-lhe o pedido directamente.

Nessa noite morreu ás duas horas da manhã.

E a narradora conclúe assim:

«Eu nunca poderia, anteriormente, ter acreditado na alegria que, em meio da

tristeza da morte, sentem as pessoas que normalmente se libertam do corpo físico, assim como também aqueles que, não pertencendo já ao mundo dos mortos, esperam a nossa chegada ao reino superior. É significativo que a filha da sra. H. tivesse conhecimento da próxima chegada

desta última a êsse Mundo, com três semanas de antecipação (e possivelmente muito antes disso) e em ocasião que a sra. H. estava gozando de perfeita saúde. Isto significa que o momento da morte está de antemão fixado nos casos normais...»

ESPIRITISMO NO BRASIL

I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de S. Paulo

Reportagem de: Nair de Moura e
Amelia Anháia Ferraz

Conforme foi amplamente divulgado, o Departamento das Mocidades da União Social Espírita (USE) fez realizar nesta Capital (S. Paulo), nos dias 8, 9 e 10 de Julho, a I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo, para tratar dos seguintes assuntos: a) UNIFICAÇÃO: 1—Meios para unificação; 2—Mensário para as mocidades. b) ORGANIZAÇÃO: 1—Estatuto Modelo para Mocidades independentes; 2—Regimento Interno para Mocidades Departamentos de Centros; 3—Padronização de nomes das Mocidades.

O Departamento das Mocidades da U. S. E. dividiu o nosso Estado em sete zonas, nas quais se realizaram reuniões prévias dos jovens das respectivas cidades de cada zona, para serem colhidas sugestões em torno dos assuntos acima citados.

Às 18 horas do dia 9 foi oferecido um lanche às mocidades representadas no certamen, pela Mocidade Espírita do Bosque da Saúde e U. M. E. S. P., na sede do C. E. «Bôa Nova» do Bosque da Saúde.

Às 17 horas do dia 10, a Mocidade Espírita L. A. P. P. A. ofereceu também um lanche aos moços congressistas, na Sociedade Mútua, Lapa.

As reuniões plenárias do dia 8 tiveram lugar na sede da Sinagoga Espírita Nova Jerusalém; do dia 9, na sede da Liga Espírita do Estado de São Paulo e do dia 10 na Federação Espírita do Estado de São Paulo, onde, às 20 horas realizou-se a Sessão Solene de Encerramento tendo sido lidas, nessa ocasião, as Conclusões da I Reunião das Mocidades Espíritas do Es-

tado de São Paulo, que passamos a transcrever:

Conclusões da I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo

1—No que toca aos «Meios para a unificação de Mocidades».

a) Unificação por meio de propaganda e no campo da caridade.

b) Ação conjunta entre as mocidades duma mesma cidade, correspondência ampla entre as cidades, confraternizações regionais periódicas.

c) Orientação das atividades através de um órgão estadual e das atividades dos Estados num órgão nacional de moços.

d) Quanto à unificação das Mocidades do mesmo bairro ou cidade: 1) reuniões conjuntas, periodicamente; 2) realizar cada sessão em Centro Espírita diferente; 3) visitas a hospitais, em conjunto; 4) obras sociais em conjunto.

e) Quanto à unificação de Mocidades de cidades diferentes, ou no âmbito estadual: 1—visitas coletivas periódicas; 2—apoiar as semanas espíritas, onde deve ser feito estudo pertinente ao movimento de moços.

f) Aproveitar o plano do Departamento das Mocidades da USE com relação à divisão do Estado, e realizar reuniões trimestrais ou semestrais, reunindo em cidades diferentes as Mocidades de cada zona.

2—No que toca ao «Mensário como meio de Unificação».

a) Páginas ou colunas nos jornais espíritas, profanos ou leigos, recomendando-se a criação de um mensário para o futuro.

3—Com referência à «Padronização de Nomes».

a) A mocidade terá o nome da ci-

dade ou bairro (se fôr o caso) com o nome da cidade entre parentesis.

b) Quando houver mais de uma no mesmo bairro ou cidade, a mais velha conservará o nome, adotando a mais nova o que lhe convier.

4—Quanto à forma de organização das Mocidades Autônomas «Estatuto Modelo».

a) Que a Mocidade seja composta de uma Diretoria e Conselho Consultivo.

b) Que a Diretoria tenha 10 membros, a saber: Presidente, vice-presidente, 1.º secretário, 2.º secretário, 1.º tesoureiro, 2.º tesoureiro, Diretor de Propagan-

de Centro seja constituída de uma Diretoria com 10 (dez) membros, a saber: presidente, vice-presidente, 1.º secretário, 2.º secretário, 1.º tesoureiro, 2.º tesoureiro, bibliotecário, Diretor de Estudos, Diretor de Propaganda e Diretor Social.

b) Que o Centro tenha junto à Mocidade um representante com funções consultivas.

c) Que não deve haver limite de idade para inscrição, bem como para votar e ser votado, desde que o associado tenha seis meses de atividades social.

d) Que a eleição dos membros da Diretoria seja feita pelos sócios, por votação secreta ou aclamação.



Aspecto de uma das reuniões plenárias

da, Diretor de Estudos, Diretor Social e Bibliotecário.

c) Que não deve haver limite máximo de idade para os membros da Direção Social.

d) Que a eleição dos membros da Diretoria seja feita pelos sócios.

d) Que o Conselho Consultivo tenha número indeterminado de membros, a critério de cada Mocidade.

r) Que os membros do Conselho Consultivo sejam eleitos pelos moços dos Centros ou fóra deles.

5) Quanto ao «Regimento Interno para Mocidades Departamentos de Centros».

a) Que a Mocidade Departamento

NOTA: — Dada as muitas sugestões e emendas aprovadas em plenário quanto ao Estatuto para Mocidades Autônomas e Regimento Interno para as Mocidades Departamentos de Centros, a Comissão de Redação houve por bem apresentar, de forma sintética, sómente o que de substancial foi deliberado.

ass.) Jaci Regis, M. E. Estudantes da Verdade, Santos; Angelo Pio da Silva, M. E. São João da Boa Vista; Martinho Levy Olivato, M. E. Limeira; Daisy Jurgensen, M. E. Campinas; Nelly de Barros, M. E. Cachoeira Paulista; Altivo Ferreira, M. E. Barretos; Geraldo Sampaio Faver, M. E. Bebedouro; Dinorá de

Melo Pereira, M. E. Mirassol; Joaquim José Coelho, M. E. Tupan; Anesiades Salati, M. E. Piracicaba; Cataldo Quatrochi, M. E. Casa Verde (Capital); Francisco Spina, M. E. Belém (Capital); Lazaro Alves da Costa, M. E. Cruzeiro; Orlando Toledo, M. E. Araraquara; José Franco de Oliveira, M. E. Mogi-Mirim; José Silveira da Cunha Martins, M. E. Botucatu; Illo Alves Guimarães, M. E. São José dos Campos; Sebastião Costa, M. E. Brás, (Capital); Aldir Guedes, M. E. Baurú; Acacio Augusto Silva, M. E. Jaboticabal; Flavio Bronizecki, M. E. Santo André; Roberto Silva Bojikian, M. E. Jaú; Ivan Roriz Silveira, M. E. Penha, (Capital); João Baptista Silveira Martins, M. E. São Manoel; Dora Fernandes, M. E. Tatuapé (Capital); Dante Gandolfi, M. E. São Paulo (Capital); Elza Mazzonette, U. M. E. Lapa (Capital); Eusvaldo Marquez, M. E. Franca; Amelia Anháia Ferraz, M. E. Bosque da Saúde (Capital).
Nota:—As seguintes delegações deixaram de assinar devido terem se retirado antes da Sessão Solene de encerramento, ocasião em que estas conclusões foram apresentadas: M. E. Ismenia de Jesus, de Santos; M. E. Jundiá; M. E. Santana (Capital); M. E. Amparo; M. E. Guaratinguetá; M. E. Jacaré; M. E. Ribeirão Preto; M. E. Sorocaba; M. E. Taubaté.

Impressões de representantes de Mocidades

Durante as três reuniões plenárias, o Departamento das Mocidades da U. S. E. colheu impressões de representantes de mocidades, com o intuito de registrar o pensamento daqueles que participaram ativamente do certamen.

Pelas opiniões, abaixo expressas, vislumbramos o que de concreto houve antes, durante e depois da Primeira Reunião das Mocidades Espíritas de nosso Estado.

Inicialmente foi abordado pela reportagem o representante de Baurú, Aldir Guedes.

— O que achou das reuniões prévias?, perguntamos.

— Prontamente obtivemos a seguinte resposta: «As Mocidades do Interior tiveram a oportunidade de fazer valer suas opiniões, embora orientadas sob um espírito de certa coação. Agradou no entanto, a informação de que os assuntos ventilados ali seriam postos em discussão

na I Reunião. Tivemos a satisfação de verificar que de facto isso aconteceu.»

Procuramos ouvir em seguida, mais um representante de Mocidade em torno do mesmo assunto. Acacio Silva, de Jaboticabal, disse-nos a respeito:

— «As reuniões prévias foram ótimas em virtude do efeito produzido no seio das Mocidades».

Sôbre o momentoso assunto: Unificação, colhemos várias impressões que aqui fazemos constar:

Perguntamos ao jovem Altivo Ferreira, de Barretos, se a *divisão do Estado em zonas favorecia a unificação*.

— «Segundo o que pudemos observar — declarou-nos — durante as reuniões prévias realizadas pelo interior, somos de parecer que sim.»

A Mocidade de Limeira, na pessoa de Martinho Olivato, expendeu sôbre o mesmo assunto:

— «Perfeitamente, pois a divisão do Estado em zonas favorece a realização de maior número de reuniões em cada zona.»

A delegação de Araraquara inquirida sôbre o mesmo assunto disse-nos:

— «Favorecerá, se o Departamento das Mocidades da U. S. E. se encarregar de convocar as reuniões. Do contrário, o intercambio entre as Mocidades Espíritas obedecerá outros imperativos e afazeres.»

Sôbre a *padronização de nomes* a reportagem ouviu o jovem Roberto da Silva, de Jaú:

— «A padronização de nomes proporciona benefícios em favor da unificação. A unificação faz com que doravante haja um grande exercito espalhado por todo Estado para expurgar o mal da humanidade.»

Por Piracicaba falou sôbre o mesmo assunto a srta. Olga Toledo:

— «Como o nome de nossa Mocidade já se achava padronizado, não fomos beneficiados por essa decisão.»

Sôbre o *Regimento Interno para Mocidades Departamentos de Centros* ouvimos o sr. Lázaro Consta representante de Cruzeiro que assim se expressou:

— «Estamos de acôrdo «in totum» com o Regimento Interno aprovado pelo Plenário desta I Reunião. A Mocidade Espírita de Cruzeiro enquadra-se perfeitamente dentro do mesmo.»

A Mocidade de Belém (Capital) também fala sôbre o mesmo assunto:

— «Sim. Pois o Regimento Interno aprovado nesta I Reunião foi ótimo e além disso, elaborado em conjunto, dentro da maior ordem possível. Mesmo que não seja de todo utilizado nos servirá de modelo. Para o futuro também nos poderá servir o Estatuto Modelo para as Mocidades Autônomas, aprovado nesta I Reunião, caso esta Mocidade se torne uma delas.»

Outro assunto ventilado na I Reunião foi a *elaboração de um Estatuto Modelo para Mocidades Autônomas*.

O jovem Cataldo Quatrochi de Casa Verde (Capital) disse-nos :

— «A Mocidade Espírita de Casa Verde adotará o Estatuto Modelo aprovado na I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo, aplicando o esforço e a compreensão, em retribuição ao muito que seus delegados emprestaram na elaboração do mesmo, trabalho êsse que visou principalmente a organização e a unificação das entidades moças do Estado, na tarefa elevada e sublime do progresso e fraternidade.»

Desejosa de saber se as conclusões da I Reunião afetariam a organização das Mocidades, ouvimos a delegação da Mocidade Espírita Lapa (Capital) que nos declarou :

— «Em absoluto, porquanto o que vem de se resolver, tão fraternal e democraticamente, sob a égide do Departamento das Mocidades da U. S. E., veio de encontro aquilo que, também, a «L. A. P. P. A.», busca alcançar.»

Procuramos ouvir ainda mais uma opinião em torno do mesmo assunto cabendo à delegação da Mocidade Espírita do Bosque da Saúde responder-nos.

— «As conclusões da I Reunião afetará muito pouco a atual organização da nossa Mocidade. Os Cooperadores Sociais por nós adotados têm funções consultivas e o plenário aprovou o regime de Diretoria e Conselho Consultivo, o que será fácil adaptar para nós. Desejamos registrar ainda a magnífica conduta do Departamento das Mocidades da U. S. E., que soube manter-se imparcial durante os debates.»

Para finalizar as rápidas opiniões dos representantes de Mocidades aqui incetadas, ouvimos a delegação da Penha (M. E. Afonso Mascarenha). Qual sua impressão da I Reunião das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo? inquirimos.

— «A reunião valeu por uma afirmação de fraternidade. Salve o Espiritismo que tanto esclarece! Salve os moços que tão bem o estão compreendendo! Que Jesus receba o nosso trabalho!

Registramos a presença na I Reunião, dos representantes do Conselho Consultivo das Mocidades Espíritas do Brasil que, atendendo ao nosso convite assistiu o desenrolar do certame.

O confrade Atlas de Castro, ouvido, declarou-nos :

— «Minha impressão é a melhor possível sôbre todos os aspectos. Mesmo que a Reunião não atingisse os objetivos da unificação de princípios das Mocidades Espíritas de São Paulo, conseguiria certamente um outro objetivo tão importante quanto aquele: a confraternização dos moços espíritas do grande Estado. Na qualidade de presidente do Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil, órgão que confraterniza o movimento dos moços espíritas de nossa Pátria, regressarei ao Rio de Janeiro, certo de que, as Mocidades Espíritas de São Paulo não representam uma simples esperança, porque encarnam a realidade dos elevados ideais cristãos que norteiam os moços espíritas do Brasil para a vitória da Causa Sagrada que redimirá a Humanidade.»

O confrade José Augusto dos Santos, membro também do Conselho Consultivo das M. E. B. disse-nos :

— «Levo a melhor das impressões! Digo isto, porque de todos os movimentos de moços espíritas êsse, ao meu ver, alcançou o verdadeiro objetivo: a unificação de princípios. O Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil olhando com carinho o trabalho dessa I Reunião que teve as proporções de um Congresso, sabe que se as mocidades não ficarem unidas, realmente pela letra das conclusões, sem dúvida, os jovens estão mais unidos pelo Amor Fraternal, através da aproximação dos seus corações.»

Sanatório «Américo Bairral»

Achando-se em Itapira, onde fôra assistir ao casamento da srta. Zoraide Bianchi, atendendo a amável convite o nosso companheiro Costa Filho fez, no dia 21 de Junho último, uma demorada visita ao Sanatório «Américo Bairral»,

que constitúe um testemunho da fé de sua benemérita fundadora Gracinda Batista e de seu dedicado esposo Onofre Batista, nosso ativo representante.

Trata-se, efetivamente, de uma obra filantrópica de grande vulto, que não só engrandece o nome do Espiritismo como também o nome dos seus fundadores, diretores e auxiliares. O Sanatório possui todas as comodidades exigidas por um estabelecimento desse gênero, obedecendo à risca todos os requisitos da higiene.

Tivemos a oportunidade de vêr enorme correspondência, que é atendida pelo incansável confrade Cesar Bianchi, coadjuvado por sua dedicada companheira na direção dos trabalhos internos. Nessa ocasião lemos uma carta da família de uma professora da Capital do Paraná, pedindo internação de referida professora nesse Sanatório, pedido feito em nome de D. Gracinda Batista.

Às 17 horas desse mesmo dia, o nosso companheiro Costa Filho, depois de tocante prece e breves palavras proferidas por Cesar Bianchi, fez uma palestra evangélica que foi ouvida silenciosamente pelos duzentos e tantos enfermos mentais internados nesse Sanatório, usando também da palavra o companheiro Onofre Batista.

A diretoria do Sanatório está terminando mais um amplo pavilhão próprio para o teatro espiritualista, o que dará maior relevo à obra.

Em Campinas

As atividades do Centro Espírita «Allan Kardec»

Achando-se em Campinas em fins de Junho último, hospedado na residência do prezado confrade Servílio Marrone, afim de submeter um dos olhos a delicada operação, o nosso companheiro Costa Filho, teve o feliz ensejo de sentir as vivificantes vibrações espirituais e o calor do entusiasmo dos confrades que prestam sua colaboração ao Centro Espírita «Allan Kardec» no desenvolvimento do seu vasto programa de ação.

No momento os diretores desse Centro acham-se empenhados na construção de uma grande obra educacional, qual seja o Educandário «Euripedes». Para levar a cabo esse empreendimento de

vulto, estão realizando festivais artísticos que contam com a cooperação de artistas conhecidos entre os quais um aplaudido tenor italiano, cujo nome nos foge à lembrança, festivais esses concorridíssimos, ficando o salão à cunha.

Fizemos uma demorada visita à construção do Educandário «Euripedes» e ficámos abismados ante o vulto do empreendimento, que não pôde deixar de ter o seu fundamento na ação da Milícia Celestial e na bôa vontade de um pugilo de verdadeiros cristãos. E puzemo-nos a lamentar o facto de não termos feito antes essa visita para dar a público, esta grandiosa notícia.

O primeiro pavimento já está construído dentro do seu amplo traçado, com inúmeras acomodações e departamentos, com suas divisões para homens e mulheres, a começar do sistema sanitário, tudo obedecendo aos requisitos da higiene. O segundo pavimento já está sendo levantado, com outras tantas acomodações e departamentos.

E' uma obra calculada no mínimo, em três milhões de cruzeiros. Quando ficar terminada, milhares e milhares de jovens e crianças encontrarão nela a luz do saber e a profissão que os farão enfrentar e vencer as duras pelejas da vida terrena. O Centro Espírita «Allan Kardec» está em ininterrupta atividade. O Espiritismo aí é estudado no seu tríplice aspecto, dentro daquêle espírito de fraternidade ensinado e praticado por Jesus e que deve caracterizar o verdadeiro espírita.

A todos os confrades que dispensaram atenção ao nosso companheiro Costa Filho e em particular ao sr. Servílio Marrone e sua esposa D. Maria Marrone, o nosso muito obrigado.

Enlaces Matrimoniais

Realizou-se no dia 10 de Julho último, às 17 e meia horas, na residência da mãe da noiva, o enlace matrimonial do sr. Arminio de Arruda Camargo, conceituado comerciante nesta cidade, com a prendada senhorita, prof.^a Isabel Perche, filha da nossa companheira D. Elvira da Silveira Perche.

Serviram de paraninfos, no ato civil, por parte do noivo, o sr. Paulo Cicogna e sua exma. esposa D. Sálua G. Cicogna e por parte da noiva, o sr. Teofi-

lo Perche da Silveira e sua exma. esposa, D. Olga Barbieri Perche.

A's 20 horas, o novo par seguiu de automovel para Ibirá.

Aos convidados foi oferecida lauta mesa de doces e bebidas.

Aos nubentes, desejamos paz e felicidade e muito progresso espiritual.

Gratos pelo convite com que fomos distinguidos.

No dia 22 de Junho último, ás 15 horas, realizou-se, em Itapira, o enlace matrimonial da prendada srta. Zoraide Bianchi, diletta filha dos prezados confrades Cesar Bianchi e D. Dalila Batista Bianchi, com o distinto joven Ulrich Fritz Gerhard Engel, residente em Belo Horizonte.

Serviram de paraninfos, no ato civil, por parte do noivo, o sr. Eduardo e Eva Engel, e por parte da noiva, o sr. Onofre José Batista e Ordalia Stolfi.

Aos convivas foi ofertada farta mesa de doces e bebidas.

Saudando os nubentes, fizeram uso da palavra os companheiros Costa Filho, que falou em seu nome e em nome da família espírita matonense, Cesar Bianchi e Onofre Batista.

A's 17 horas, o jovem casal seguiu de automovel para São Paulo, onde tomou um avião que o conduziu à Capital Mineira.

Ao distinto par, as nossas sinceras felicitações e votos de paz e progresso.

João Fusco

A exemplo dos anos anteriores as diretorias dos Centros Espíritas «Ismael», «Cairbar Schutel» e «João Fusco» da Capital de São Paulo realizaram sob os auspícios da Associação de Propaganda Espírita do Estado de São Paulo, na séde do Centro Espírita «Ismael» sito á Rua Padre Machado, n.º 466. bairro de Vila Mariana, no dia 3 de Julho último, uma grande reunião diurna em homenagem ao inesquecível companheiro da Doutrina

JOÃO FUSCO, pela passagem de seu 4.º aniversário de desincarne.

A reunião teve início ás 15 horas sob a direção dos companheiros: Armando Fusco, Alfredo Pagliarini e Thomé de Souza Fusco, onde tomaram parte todas as crianças de Catecismo dos referidos Centros, que se fizeram ouvir em poesia, diálogos, parábolas, entre elas destacamos: Srta. Euzapia Paladino, declamando «Suplicando», «Ao Orfão» e «Escola Nova»; menino Mauricio Guidini, «Aviso aos Incautos», «O Caluniador», «O alcoolismo e suas consequências»; e mais Irmãos Borges, «Os Violadores da Lei»; Cairbar Rodrigues, «Aos Juventinos de Matão»; Maria Ignez Vieira, «Contrastes»; Wilma Guidini, «Negreiros»; Flamarion Ismael, «Cantae»; Nadir Guidini, «O Vagabundo»; e Assunção Negrini, Antonio Negrini, Lourdes Negrini e Roberto Haiek.

Fizeram uso da palavra ainda os seguintes companheiros, Armando Fusco, Alfredo Pagliarini e o confrade Angelo Beloni de S. José do Rio Preto.

Foi distribuida grande quantidade de livros espíritas aos alunos que mais se destacaram durante o ano de 1948, bem como roupas, brinquedos e doces a todos que estiveram presentes.

A reunião encerrou-se ás 19 horas com uma prece em agradecimento aos Bons Espíritos.

Do Correspondente.

De Votuporanga

Com a participação de quatro Centros Espíritas, realizar-se-á em Outubro próximo a Semana Espírita de Votuporanga. As reuniões realizar-se-ão ás 19 horas, nos seguintes dias: dia 1, no Centro Espírita «Caminho de Damasco», de Votuporanga; dia 2, no Centro Espírita «Apóstolo Paulo», de Igapira; dia 3, no Centro Espírita «Bezerra de Menezes», de Jacilândia; dia 4, no Centro Espírita «Caridade e Amor», de Vila Pariz.

Do correspondente.

O verdadeiro gôso da vida está na legítima compreensão da espiritualidade e não nas emoções biológicas.

Não podemos crescer no conhecimento e na graça de Jesus, sinão praticando a Caridade como êle ensinou. — ANTENOR RAMOS.

OBRAS de CAIRBAR SCHUTEL

Parábolas e Ensinos de Jesus

Obra assaz difundida, indispensável a todos os cultores do cristianismo. Exposição clara e lógica dos textos evangélicos.

De grande formato, com 450 páginas, referida obra está dividida em duas partes : 1.^a — Parábolas de Jesus, explicação racional das 35 parábolas evangélicas ; 2.^a — Exposição dos Ensinos de Jesus e dissertação filosófica sôbre os princípios religiosos expostos pelo Grande Missionário.

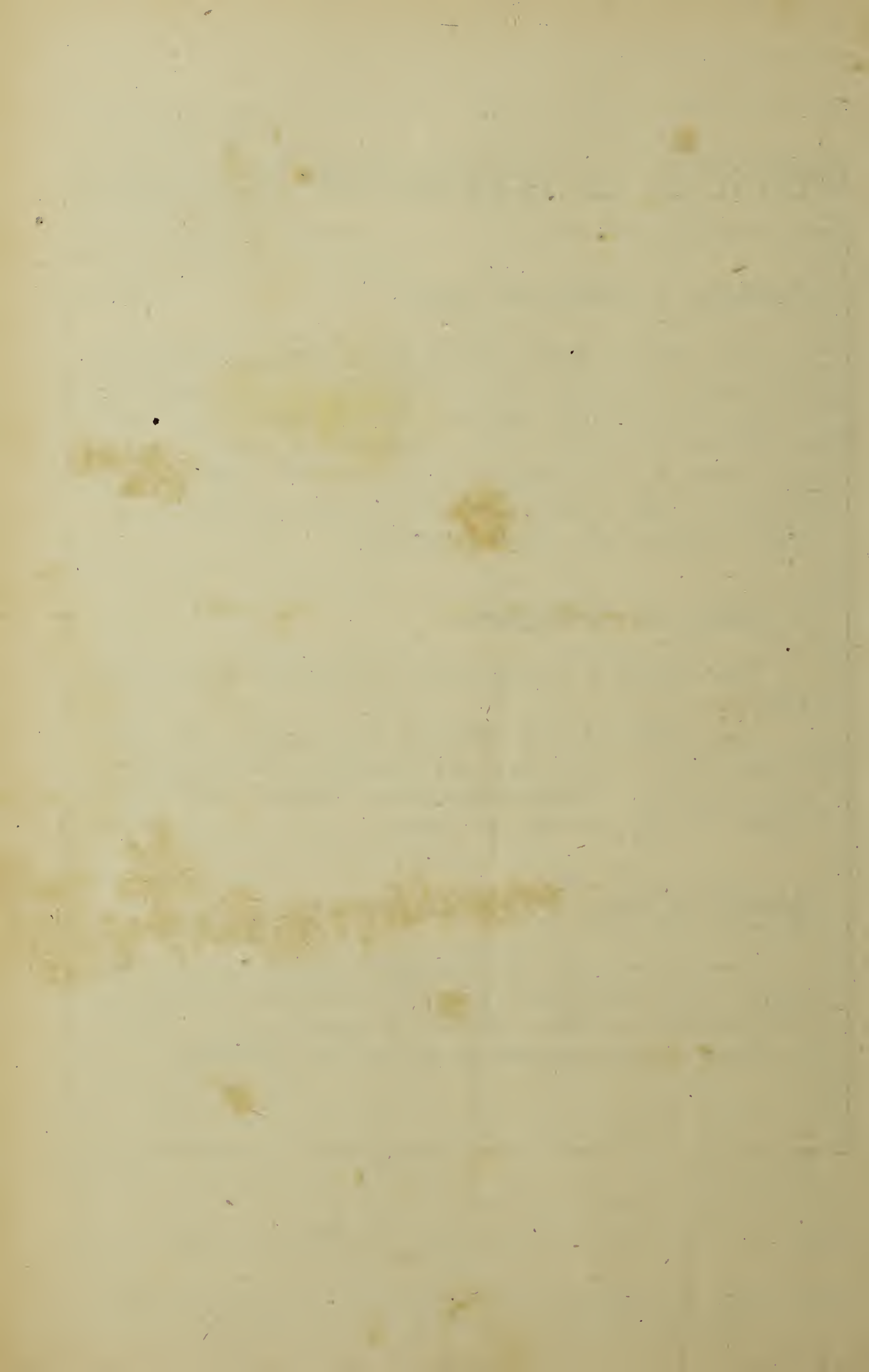
O Espírito do Cristianismo

Esse trabalho é o complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus.»

Obra muito útil para elucidação do Evangelho. De mais de 400 páginas, contém uma parte que trata de Premonições, Avisos Proféticos, Sonhos Premonitórios. Explica como se efetuaram as «curas operadas por Jesus.»

Gênese da Alma

O autor desta obra teve em mira demonstrar com bases sólidas, factos verificados e verificáveis, argumentos irrefutáveis, a Imortalidade da Alma a começar do ponto em que o *princípio anímico* se nos apresenta em seu período embrionário.



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$ 35,00
	Semestre	— " "	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	40,00
	Semestre	— " "	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

